

MUSEU DE ARTE MODERNA

DO

RIO DE JANEIRO

Rua da Imprensa, 16-A

1952

Tel.: 52-7432

BOLETIM DE NOVEMBRO

N.º 2

EXPOSIÇÃO DE TAPEÇARIAS MODERNAS

Sua inauguração no dia 9 de outubro — Os trabalhos apresentados —
Pessoas presentes

Realizou-se, no dia 9 de outubro, a abertura da Exposição de Tapeçarias Modernas, que apresenta 19 peças da nova fase do tapete na França, cedidas especialmente por Marie Cuttoli, La Maison Jansen e Compagnie des Arts Modernes, realizadas nos ateliers de Aubusson e de Marie Cuttoli.

As tapeçarias em exposição são as seguintes: de Marie Cuttoli: "Le Minotaure" de Picasso; "Hirondelle d'amour" "Composition" e "Composition Femmes" de Miró; "Clown Blessé" e "Danseuse" de Rouault; "Les Saisons et les Arts" (2 tapeçarias) e "Bord de la mer" de Lurçat; de la Maison Jansen: "L'Aube" "L'Homme" e "La Chouette et la Villa" de Jean Lurçat; "Oreste e Electre" e "Quatuor" de Marc Saint Saens. Da Compagnie des Arts Modernes: "L'Après-midi vert" "Instruments de Musique" e "La Jeune Endormie" de Lucien Coustaud, "St. Tropez" de Dany e "Composition" de Le Corbusier.

Estiveram presentes: Sr. Café Filho, Vice-Presidente da República, Ministros Horácio Lafer, Francisco Negrão de Lima e Simões Filho, Embaixador Lourival Fontes, Prefeito João Carlos Vital, Embaixador Gilbert Arvengas e Sra., Embaixador Josinder Sen, Ministro Pierre Rigaud, Senadores Marcondes Filho, Mozart Lago e Kerginãl-do Cavalcante, Deputados Gustavo Capanema, Jorge Lacerda, Carlos Luz e Francisco Saturnino Braga e Sra., José Lins do Rego, Sr. e Sra. Mário Pedrosa, Santa Rosa, Afonso Eduardo Reydi, Marcelo Roberto, Pedro Corrêa de Araujo, Mario Barata, Flávio de Aquino, Simão Leal, Ivan Serpa, Edmundo Moniz,

Celso Kelly, Marc Becovitz, Sr. e Sra. Paulo Filho, Augusto Frederico Schmidt e Sra., Maria Martins, Paulo Celso Moutinho, Beatriz Costa, Sr. e Sra. Ranulpho Bocayuva Cunha, Vera Assunção, Carlos Drumond de Andrade, Marcos Magalhães de Souza Dantas Romero Margaret Spence, Embaixador Maurício Nabuco, Embaixador Carlos Martins Pereira de Souza, Alayde de Oliveira, Alberto Dines, Sr. e Sra. Arthur Goldring, Aderson de Magalhães, Arthur Castro — Fox Film, Ambrosina Lanna, Sr. e Sra. Aprigio dos Anjos, Sr. e Sra. Ari Monteiro Lopes, Sr. e Sra. Arthur Francisco Kastrupp, Abrahan Palatinik, Adriana Janacopulos, Sra. Alice Flexa Ribeiro, Antonio Callado, Sra. Ana Bella Waldman, Dr. Azulay, Sr. e Sra. Abelardo da Fonseca, Antonieta Villas-Boas, Armando Corrêa da Costa, Sr. Antonio Gallotti, Sr. e Sra. Adhemar Leite Ribeiro, Sr. e Sra. Antonio S. Celestino, Antonio Bandeira, Aloysio de Paula, Sra. Aida Pongetti, Sr. Américo Fornel, Sra. Beata Vettori, Sra. Buarque de Lima, Carlos David, Condes de Kerchove de Deuterghem, Condes Di Robilant, Carlos da Silva Ramos Perry, Conrad Wrzos, Celia Camara, Presidente do Comité Francês, Candido Mendes de Almeida e Sra., Sr. e Sra. Cincinato Ferreira Chaves, Cesar de Araujo Mesquita, Sr. e Sra. Duparty, Diva Autran Pinto, Sr. e Sra. Dreyer, Diva Menezes, Dalia Quitete, Dorcelino Moreira, Sr. e Sra., David Pereira do Carmo e Sra. Dyla Silvia Navarro de Andrade, Sr. Eurico Souza Leão, Dr. Edgard Bhering, Sr. e Sra. Emmanuel Cresta de Moraes, Sra. Eloyssa Medeiros, Sr. e Sra. Euzebiuz Dwor-

1952

8.º Notícia de Celso e
cartões Natal (João e Maria)
ambrosina

kin, Sra. Elvira Van Roovers, Sr. e Sra. Evandro Correia de Menezes, Sra. Elisa Martins da Silveira, Sr. Ernani Vasconcelos, Sr. Eurico Moreira, Sr. e Sra. Egas Moniz, Sr. e Sra. Elmano Cardim, George Bloch, Frank Schaeffer, Sra. Mello Vianna, Guaraguasil Barreto Baltar, Sr. e Sra. Gunther Pape, Sr. Gabriel Lacombe, Sr. e Sra. Groves L. Chapman, Sr. e Sra. Gladstone Duarte, Gerson Milanez, Giuseppe Setti, Gilberto Trompowski, Sr. Helio Jaguaribe Gomes de Mattos, Sr. e Sra. Heller, Sr. Harold Spence, Hilda Goltz, Hugo Alves, Ismar Gama Fernandes e Sra., José Luiz Novais, Sr. e Sra. José Mario Vilhena Soares, Sr. e Sra. Jorge Ferreira, Sr. e Sra. João Alberto Dutra Leite Barbosa, José Fernandes, Sr. e Sra. Jacques Pouchard, Sr. e Sra. José da Motta e Silva, Sr. Jorge de Abreu Figueiredo, Sr. e Sra. José Martins Gomide, Sr. José Delfin Acosta Ochoa, Sr. Joaquim Rolla, J. Mattos e Sra., Sr. e Sra. Jean-Gerard Fleury, João Luiz Lorêdo, Jorge Serpa, José Sans, João Fontes, Jorge Ludolf, Juanita Hermann, Sr. Karola Szillar Gabos, Sr. e Sra. Luiz Camillo de Oliveira Netto, Sra. Lilyan Schwartzkopf, Sra. Luiza Barreto Leite Sanz, Srta. Lourdes Cruz Alves, Sra. Lydia Maria Combacau de Miranda, Sra. Luzia Britto, Leo G. Damasio, Maria de Lourdes Pimentel, Milton Ribeiro, Sr. e Sra. Antonio Moniz Viana, Sr. e Sra. Moura Brasil, Sra. Marieta M. S. Regis do Nascimento, major Milton, Srta. Maluh Ouro Preto, Sra. Gabrielle Mineur, Sr. e Sra. Martin Barral, Srta. Maria Izabel de Gusmão, Sra. Roberto Arruda Botelho, Sra. Maria Claudia Mesquita e Bonfim, Sr. Marx Grossmann, Srta. Maria Luiza Moniz de Aragão, Sra. Maria Helena de Andrade Pinto, Sr. e Sra. Menezes, Maria de Lourdes Zillig, Manoel Saavedra, M. Gordon Brown e Sra., Manoel Florence, Mario Agostinelli, Marina de Barros e Vasconcelos, Sr. e Sra. Marcos Carneiro de Mendonça, Michel Simon, Nathaniel Dantas, Srta. Odette Washington Tavares, Sr. e Sra. Otto Maria Carpeaux, Otavio Carneiro Lins, Ophelia de Argollo Moniz Sodrê, Sra. Ouro Preto, Osiris Corrêa e Sra., Osmar Carvalho de Castro, Octavio de Sá Neves da Rocha, Orlando Joaquim Correia da Silva, Dra. Ofelia Guimarães, Sr. e Sra. Paulo Campos Porto, Paulo Mendes Campos, Peregrino Junior e Sra., Plinio Olinto, Paulo Cesar Bastos, Sr. e Sra. Pareto, Pedro Lessa Spyer e Sra.,

Sr. e Sra. Paulo Moura Brasil, Quirino Campofiorito, Raul de Castro Brandão, Romulo de Almeida, Sr. e Sra. Rezende, Sr. Ramiro Martins, Sra. Roberta Macedo Soares, Sr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, Sr. e Sra. Rescala Bittar, Srta. Ramilda Quitete, Ruy Barreto, Reynaldo Marques Berrutto, Sr. e Sra. Salles, Dr. Stuber, Stella Pimentel Brandão, Sarah Cabral de Cesar Borba, Sonia Ebling, Sarah de Castro Barbosa, Sergio Corrêa de Menezes, Sr. e Sra. Thomaz Ribeiro Collaço Taddeus Kolylansky, Sr. e Sra. Theodoro Arthouj, Teresinha Lyra da Rocha Cavalcanti, Sr. Vicente Lima, Vera Correia Pinto, Vitor de Carvalho, Sr. e Sra. Wladimir Alves de Souza, Willy Levy e Sr. e Sra. Wissing.

GRANDE ESTÍMULO PARA A ARTE DA CERÂMICA

Fundado o Instituto de Cerâmica Artística

Embora o Brasil já possua uma importante indústria cerâmica, ainda são incipientes nossas atividades no que se refere à cerâmica artística. Seria ocioso salientar as possibilidades do gênero, bastando lembrar a importância que já apresentava nas civilizações do antigo oriente, misceniana e helênica. Acrescente-se que, com os novos processos técnicos na preparação da argila e das tintas e no cozimento do barro, essas possibilidades se dilataram. Aliás, dada a conexão entre êsses processos técnicos e os métodos artísticos, a cerâmica de arte figura, também, como atividade pioneira na descoberta de recursos técnicos.

Afim de poder incentivar êsse gênero artístico, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro acaba de fundar o Instituto de Cerâmica Artística. A êsse Instituto foi dada personalidade jurídica própria, de sorte a que melhor pudesse atender as complexas exigências da arte cerâmica, inclusive na parte técnico-fábrica. Constitui o Instituto, não obstante, um instrumento de ação do Museu, destinando-se a proporcionar aos sócios dêste um outro ramo de atividade artística e de experiência estética.

SÓCIOS

O Museu tem as seguintes categorias de sócios: Benemérito, Remido, Efetivo, Contribuinte e Correspondente.

Sócio Benemérito será aquêle que fizer doação de valor excepcional ou prestar concurso relevante às atividades do Museu.

Sócio remido será aquêle que fizer o pagamento de pelo menos Cr\$... 10.000,00 ou doação dêste valor.

Será sócio efetivo o que, além da mensalidade, contribuir com jóia não

inferior a Cr\$ 2.000,00 ou que fizer doação de obra de arte, que não seja de sua própria autoria, aceita pela Comissão Executiva.

Será sócio contribuinte aquêle que pagar a anuidade de Cr\$ 250,00 ou contribuir com Cr\$ 25,00 mensais.

Será sócio correspondente o que, residindo fora do Distrito Federal, auxiliar o Museu pagando anuidade ou prestando serviços de acôrdo com a Comissão Executiva.

O QUE O MUSEU JÁ OFERECE A SEUS SÓCIOS

- | | |
|---|--|
| 1) Convite para todas as inaugurações; | as iniciativas do Museu; |
| 2) Entrada gratis no Museu com a apresentação da carteira de sócio; | 5) Acesso à pequena biblioteca do Museu; |
| 3) Participação nos cursos de pintura, escultura, modelagem e outros que se vão formar; | 6) 15% de abatimento na aquisição de livros, reproduções e cartões de Natal. |
| 4) Convites para conferências e tôdas | 7) Este Boletim mensal, gratis. |

NOVOS SÓCIOS DO MÊS DE OUTUBRO

Remidos:

Augusto Frederico Schmidt, Demóstenes Madureira de Pinho, Assis Chateaubriand, Maria Lúcia Souza e Silva e Joaquim Rolla.

Efetivos:

Paulo Celso de Almeida Moutinho, Boris Davidovitch, Octacilio Gualberto de Oliveira e Pedro Calmon.

Contribuintes:

Nilza Ferreira Santos; Lourdes Freitas-Valle; José Alvaro Carneiro Bastos; Arnaldo Alves da Silva; João Sergio Marinho Nunes; Neusa Jácome de Castro; Maria Luisa Saldanha Schwartz; Maria Salvatore Ponzini; Myrian Gonçalves; Nivoliês de Pierrefort; Augustine Vachet; Ennio Marques Ferreira; Jacy Robertina

Ferreira do Valle; Anna Beatrix Bethlem; Agrícola de Souza Bethlem; Eduardo da Silva Mendonça Filho; Lúcia Bica de Alencastro; Tatiana Chagas Memória; Elza Maria Trybom; Inge Roesler; Renato Percy Bueno; Maria de Lourdes Alfinito; Dirceu Nicolau Tortorella; Helaisse Chagas Lobo; Marie Christine Chevalier; Lois F. Whitley; Thamar Conceição Pereira de Carvalho; Mario Augusto de Berrêdo Carneiro; Dora Karter; Mietta Santiago, Ione Saldanha, José Eduardo de Oliveira Penna, Nilson Penna, Elsie Atala Blackman, Carlos Drummond de Andrade, Simone Goldring, Ione Cordeiro e Silva Rudge, Laurito Francisco Paraizo, José Vieira Machado e Heloisa Alberto Torres.

TRANSFERÊNCIAS

De sócio Efetivo para sócio Remido:

Stella Rodrigo Octávio Moutinho.

A IMPRENSA E O MUSEU

Atravessa nossa civilização uma fase histórica pouco propícia às atividades culturais. O utilitarismo vitorioso, cujo espírito ou melhor antiespírito já se infiltrou em todos os regimes não tolera esforços científicos ou artísticos que não sejam de imediata aplicabilidade prática. As elites aristocráticas desapareceram. As da classe média, que foi, durante o século XIX, o portador principal do progresso cultural, estão materialmente enfraquecidas e, ao mesmo tempo, contaminadas pela vulgaridade, que inspira integralmente as massas, os verdadeiros donos desta época. A situação da literatura, das artes plásticas, da música, das ciências teóricas, de tudo o que já foi o orgulho da civilização ocidental, hoje é aflitiva. O Estado, sim, êste ainda poderia ajudar. Deve ajudar. Mas outro utilitarismo, o pedagógico, devora tôdas as atenções. A cultura, pròpriamente, só para poucos continua sendo interesse vital.

Dêsses poucos, em nossa vida pública atual, o deputado Jorge Lacerda, cuja atenção eficiente com respeito a grandes problemas econômicos, portos, carvão, madeira, já ocupou várias vezes a opinião pública. Além de destacar-se, dessa maneira, entre os membros do Legislativo atual, o representante catarinense, conhecido como escritor e jornalista, ainda encontra tempo para, como membro da Comissão de Educação agir em favor das letras e artes. Ainda ontem conseguiu arrancar ao plenário da Câmara um voto de louvor ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

O Museu de Arte Moderna começou, ainda não há um ano a dar sinais de vida verdadeira. Sob nova direção, competente e enérgica, o Museu ressurgiu como uma das grandes forças culturais da cidade. Organizou-se grande exposição de artistas internacionais, dos representados na Bienal de Veneza, e outra, de artistas brasileiros; exibiram-se gravuras de Goya e de mestres espanhóis modernos; a exposição da Arquitetura brasileira contemporânea chegou a provocar o maior interesse até fora do país; agora se admiram nas salas do Museu as tapeçarias francesas. O voto de louvor da Câmara dos Deputados foi bem merecido.

(Correio da Manhã — 10-10-952)

Durante sua recente viagem à Europa, a Sra. Niomar Moniz Sodré organizou um programa de exposições para o Museu de Arte Moderna, a primeira das quais, de Tapeçarias Francesas, foi ontem a noite inaugurada, com o brilho do costume.

Nos tempos heróicos do cubismo, Gleizes patricinou êsse renascimento do tapete artístico, quando disse que a pintura tendia para a decoração. Era um caminho novo, pois dessa orientação se afastara a pintura ostensivamente, a partir do século XVIII.

Isso explica o interesse atual despertado pela tapeçaria, a qual não têm ficado indiferentes os maiores pintores modernos, entre estes Picasso, Leger, Braque, Rouault e Matisse. — todos os "cinco grandes" da Escola de Paris.

Na mostra atual, estão muito bem representados nomes de primeiro plano da arte moderna, mas não é por isso que essa coleção de obras se torna particularmente digna de ser apresentada num Museu de Arte Moderna. A exposição recomenda-se, antes de tudo, pelo admirável trabalho de artesanato que se pode notar em todas as suas peças. Aliás, é isso que faz a qualidade excepcional do tapete moderno francês que — seja dito mais uma vez — não tem rival na atualidade.

(Antonio Bento — Diário Carioca, 10-10-52).

Ontem, inaugurava-se a quarta exposição de iniciativa do Museu de Arte Moderna, com uma coleção de tapeçarias francesas, da autoria de alguns dos grandes nomes da Escola de Paris. Em dia anterior, outra exposição de enorme significação era inaugurada no salão do Ministério da Educação, com desenhos e pinturas infantis, entre os quais sobressaem os da escolinha de Augusto Rodrigues, o inteligente organizador da mostra, os dos meninos que trabalham sob a direção de Ivan Serpa e os da Escola Pestalozzi. Mas em data ainda mais anterior, também fôra inaugurado o salão oficial de arte dita conservadora, acadêmica ou até "clássica" (?).

Temos assim simultaneamente três manifestações diferentes no campo artístico. No Ministério da Educação, as crianças de hoje; no Museu de Arte Moderna, ilustres nomes da arte contemporânea francesa; e no Museu Nacional de Belas Artes senhores de difícil classificação por não serem pròpriamente contemporâneos nossos.

No Museu dirigido pelo entusiasmo e dedicação de Niomar Moniz Sodré assistimos a uma interessante tentativa de restauração de um dos mais nobres ofícios da alta idade média, a tapeçaria. Lurcat não é um grande artista, mas seja qual for a opinião que se faça sobre sua obra, seu nome está assegurado pela inteligência, entusiasmo e perseverança com que se entregou à tarefa de reviver em nossa época de concreto armado, aço e vidro, de produção em massa de tecidos e demais objetos outrora feitos à mão, de uma arte tipicamente artesanal como a tapeçaria. A tentativa é em si mesma sedutora; entretanto, ainda está por decidir-se se vingará não apenas como realizações poéticas isoladas — o que já se verifica em alguns discípulos de Lurcat e em pintores ilustres como Villon, Gleizes e em parte Miró — mas em uma integração perfeita, funcional com o espírito tecnológico e a ambiência arquitetônica e social de nossos dias. De qualquer forma, trata-se de um problema vivo, atual.

(Mário Pedrosa — Tribuna da Imprensa, 10-10-952)

Ver uma arte antiga como a da tapeçaria em pleno viço de arte moderna é coisa de infundir confiança neste próprio mundo louco em que vivemos. A confiança vem talvez, principalmente, do fato de ser a tapeçaria uma forma de expressão artística que de forma perfeita casa inspiração e artesanato. O pintor e o tapeceiro se unem — e o resultado são êsses quadros de fogo e júbilo que no momento ardem tranquilos nas paredes do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Ainda não pode estar tudo perdido se além de inventarmos o radar e a bomba H ainda sabemos reinventar a tapeçaria.

E' difícil escolher entre exposições de arte feitas com o rigor que tem ado-

tado o Museu, mas ainda não víamos nada em seu salão, comparável a essas tapeçarias de Lurcat, de Saint-Saens, de Rouault, a reatarm para nós, o pincel de pintor e fuso de tecelão, uma história universal de lã. Porque a tapeçaria desde que veio do Oriente e descobriu a terra da França teve uma história tão coerente até ao século passado que vale por um relato histórico. Um dos melhores capítulos de Fidelino Figueiredo em sua obra sobre a Épica portuguesa é o dedicado às tapeçarias da história de Portugal nas Índias, e os tapeceiros franceses desde aquêle Nicolas Bataille que teceu em lã e linho e cânhamo os pesadelos de São João no Apocalipse, vieram ininterruptamente escrevendo uma crônica do seu país. Estofando divãs, cadeiras tapetes, os tapeceiros de Gobelins e de Aubusson passaram a fazer com que positivamente os franceses se deitassem, se sentassem e andassem sobre a História da França além de a olharem em suas paredes.

Na atual exposição do Museu de Arte Moderna, evoca-se principalmente a Idade Média — uma era histórica recamada de tapeçarias. Arte e utilidade juntavam-se naquele tempo e, nos imensos vestibulos frios nas salas de banquete aquecidas à lenha, as tapeçarias tapavam frinças e vãos e acendiam nas paredes de pedra um fogo de aquecer as almas com fios de ouro e escarlata.

Mas não se diga que os mestres modernos da tapeçaria, liderados principalmente por Lurcat, estão imitando o passado. Suas tapeçarias são belas porque são modernas, porque reatam uma tradição com vitalidade própria — são belas como é belo o Ministério da Educação a dois passos da bela igreja de Santa Luzia.

A Espanha — ou antes a Catalunha — está presente à exposição com três Mirós adoráveis principalmente o do canto da sala, onde uma lua preta se cose ao céu verde e que nos fez quase sem querer, declamar Frederico Garcia Lorca:

*Antoñito el Camborio
moreno de verde luna
digno de una Emperatriz!*

(Correio da Manhã — 11-10-952)

Foi inaugurada com extraordinário êxito a esperada Exposição de Tapeçaria Modernas Francesas, que a dinâmica senhora Niomar Moniz Sodré, diretora do Museu de Arte Moderna, conseguiu reunir na sua recente viagem à Europa.

Os bonitos e amplos salões apresentam-se em festivos coloridos, cobertas as paredes com magníficas tapeçarias e tantos outros mestres. Um sucesso a de Picasso, Juan Miró, Rouault, Coutaud mais para o Museu de Arte Moderna e para a sua diretoria, formado por nomes ilustres como: Raimundo de Castro Maya, San Tiago Dantas, Niomar Moniz Sodré, Carmen Portinho, Carlos Amelio de Figueiredo, Carlos Flexa Ribeiro e Maria Barreto.

(Dyla Josetti — A Noite, 15-10-952)

Niomar "did it again"... A incansável diretora do Museu de Arte Moderna de novo alcançou um grande êxito para essa notável organização de arte que é o Museu. Aliás, o público já se está habituando a esses êxitos. Mesmo na ausência de Niomar, o Museu teve outro, grande, com a Exposição de Arquitetura organizada pela sucessora interina, essa outra figura inteligente, também cheia de energia e boa vontade que é Carmen Portinho. De maneira que "êxito", já se está tornando uma coisa corriqueira no Museu de Arte Moderna. Agora, Niomar marca a sua volta com mais um desses sucessos a que o público e a crítica já estão ficando habituados.

De França, Niomar trouxe o que de melhor havia em arte de tapeçarias. Todas assinadas por grandes mestres, formam no conjunto agora exposto um espetáculo verdadeiramente deslumbrante de formas e de cores.

A inauguração, quinta-feira passada, constituiu um dos maiores acontecimentos artísticos da estação. É uma "fêrie" para os olhos que nos faz apesar do flagrante modernismo, pensar nos castelos de França, onde a arte da tapeçaria se ostenta com tanto esplendor. É que algumas dessas tapeçarias tão deslumbrantes exigem ambientes palacianos, ambientes vastos e fidalgos. As preferências variavam. Mas Lurçat e Rouault foram os que mais tocaram o sentimento artístico do público. As duas tapeçarias de Lurçat, "Les saisons et Les Arts", têm uma profunda beleza clássica e suas figuras lembram outras de Botticelli ou mesmo de Miguel Angelo pela

imponência e serenidade de que se revestem. Uma tapeçaria de Lurçat onde predomina um verde maravilhoso foi outro grande sucesso da exposição. Os dois Rouault são duas obras-primas do mais alto valor, que transformarão qualquer sala num santuário de arte. Num dos surpreendentes trabalhos de Miró pode-se admirar com mais facilidade o maravilhoso labor da tapeçaria francesa naqueles tons azuis que parecem diretamente pintados pelo artista. Chega a ser quase incrível que se possa obter com lãs aquele efeito de verdadeira pintura!

"La jeune endormie" é outro trabalho favorito da mostra. É de Lucien Coutaud. Mas há tanta coisa bela que é difícil apreciar-se tudo numa movimentada tarde de inauguração, onde a gente tem de se dividir entre os trabalhos expostos e os salamaleques. Quem não se emociona diante de "Oreste e Electre", de Saint Saens, ou daquele delicioso "Quatuor", do mesmo autor, que no seu forte modernismo tem um indiscutível sabor medieval? Todas essas tapeçarias citadas estão entre aquelas que agradam a gregos e troianos, isto é, os da escola moderna e aqueles que fazem restrições ou não gostam de todo da escola moderna. Diante da admirável tapeçaria de Picasso, "Le Minotaure", de linhas tão simples e puras, houve "nãos!" enérgicos e irônicos "que é isso?". Diante da "Composition", de Le Corbusier, outro belíssimo trabalho da mostra, os aplausos misturavam-se a perguntas duvidosas, com críticas pouco favoráveis. Mas todos eram unânimes, com restrições ou não, em afirmar que a atual exposição do Museu de Arte Moderna é um espetáculo de soberba beleza que ninguém deve perder. E mais uma vez o público (e que público lá estava!) tirou o chapéu a Niomar Muniz Sodré e à esplêndida equipe que com ela trabalha no Museu.

Niomar trouxe as tapeçarias como empréstimo para a exposição, por conseguinte não poderiam ser vendidas no Brasil. Mas, devido ao imenso interesse despertado, Niomar já conseguiu com as autoridades competentes que essas tapeçarias possam ser vendidas no nosso país. Assim, é possível que o nosso patrimônio artístico fique enriquecido com muitos desses trabalhos que são expoentes de uma das mais belas artes de França.

(Marcos André — O Globo, 15-10-952)

O Museu de Arte Moderna do Rio está apresentando uma exposição de tapeçaria. Reune peças preciosas de Aubusson que marcam uma nova fase do tapete da França. Desenhados por artistas de renome ali figuram as do famoso criador Jean Lurçat, que, pelo equilíbrio e pela justeza decorativa, merece a minha simpatia, os de Coutaud, igualmente de grande interesse, os de Rouault que não escondem as características da pintura chegando-se mesmo a sentir "pinceladas tecidas", os de Miró bastante audaciosos levando em conta a dificuldade que ao gênero decorativo (que não prescinde da unidade de composição) oferece o seu estilo e o de Le Corbusier verdadeira curiosidade todavia sem nos dar a impressão de resolvido. A coleção inequivocamente denuncia o renascimento da tapeçaria francesa. Grandes artistas da atualidade lhe emprestam seu talento. Roubam à pintura — arte de maior expressão — alguns bons momentos para entregar-se, não apenas as do desenho de cartões, mas até mesmo no acompanhamento do execução, para que o futuro não desfigure o traço nem as côres, em que repousam a sua própria criação. Serve de advertência a artistas nossos, fechados obstinadamente na pintura de cavalete ou na escultura, como se a arte fôsse apenas essas duas. Hoje mais do que nunca a indústria atrai os artistas plásticos, procurando trazê-los a seu convívio com proventos recíprocos. Se a tapeçaria ainda não tem clima no Brasil aqui se desenvolvem contudo, a tecelagem e a cerâmica, e as nossas indústrias devem, por seu turno oferecer aos artistas melhores condições e oportunidades.

A exposição dos tapetes franceses aponta o vigor que aquela indústria retoma com o sangue novo dos mestres que atraiu. O Museu de Arte Moderna ganha mais um sincero parabem. A Sra. Niomar Moniz Sodré soube trazer do Velho Mundo uma exposição de viva intensidade artística.

(Celso Kelly — A Noite, 16-10-952)

Não me conformei nunca com a designação, já hoje consagrada em museus e exposições por toda parte, de arte moderna.

Porque isso poderia insinuar a necessidade de subordinação a critérios pré-estabelecidos — o que me parece ser a negação da arte. Entendo assim a exis-

tência de uma arte contemporânea, como outras épocas tiveram a sua, que hoje rotulamos pelo século ou pela civilização em que floresceram. Mas não hei de entender, e sobretudo com sentido de oposição, numa mesma época uma arte moderna e uma arte clássica ou acadêmica.

Haverá como houve sempre, a arte, e esta será do passado ou do presente segundo a posição no tempo

Pretender subordinar a expressão artística a fórmulas que adotou em épocas anteriores, sempre me pareceu ser a suprema violência à liberdade da inspiração.

Não entendo, por isso, a atitude negativa dos que se opõem à arte contemporânea, como não entenderia que alguém se declarasse em oposição às trevas da noite ou à claridade do dia em seu ciclo fatal e inelutável.

Opor-se ao tempo poderá ser um impulso sentimental, mas não será nunca um fato da razão.

Mas tudo isso me veio à mente depois da visita que fiz à admirável mostra de tapeçarias francesas que ora se expõe no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Contemplando aquelas esplêndidas obras entrei a refletir no papel conciliador e de esclarecimento que a tapeçaria deve desempenhar, e certamente está desempenhando, na compreensão do movimento artístico da hora atormentada que vivemos.

Aquela velha arte que o Oriente nos ensinou e que a França soube espiritualizar é bem o ponto onde se encontram as duas tendências em que se poderia resumir a trajetória do espírito humano: o esforço continuado e o trabalho miúdo e pertinaz do artesanato a serviço da inspiração e do belo, na poesia e de côres.

Já teve a sua fase descritiva, como todas as artes plásticas, já fixou épocas e acontecimentos em peças hoje veneráveis, e que se guardam em castelos e museus.

Entra agora, no nosso século, pela obra de renascimento em que se empenham alguns artistas, dentre os quais se destacará sempre o nome de Jean Lur-

cat, como o da grande figura da renascença da tapeçaria no século XX.

Mas, além da revalorização da velha arte, na harmonização de planos e de côres, que constitui a fase contemporânea da pintura, êsses tecidos cumprem a tarefa de conciliar o aparentemente irreduzível.

É que os negadores da pintura contemporânea torturam-se diante de um quadro abstrato com a pergunta impertinente: que é que isso representa?

Não se dão conta que a pintura, como todas as artes plásticas, deixou de ser representativa para se tornar expressiva.

Ora, a tapeçaria exprimiu sempre a harmonia de planos, côres e traços, sem a preocupação representativa. Ninguém indaga, nem se inquieta em saber, o que representam elas além de uma mensagem de emoção e de beleza.

Por isso estou a ver, reconciliados e tranquilos diante do "minotauro" de Picasso, da "Hirondelle d'Amour" de Miró, do "Bords de la Mer" de Lurçat ou da admirável "Danseuse" de Rouault, êsses impenitentes negadores da arte moderna. Não cabendo ali a pergunta que trazem sempre nos lábios, acabarão por vencer o preconceito e libertar o espírito e a sensibilidade, dessa carapaça que os não deixa ver.

E ela é tão espessa, essa carapaça, que não lhes permitiu admirar na bienal de São Paulo, nem os admiráveis "Retirantes" de Portinari, nem a extraordinária escultura que Maria Martins chamou de "Sétimo Vêu". Quando, diante de obras-primas como essas, vence o preconceito, o espírito está perdido.

E não me estranha mais que êsses críticos sem alma, que êsses espíritos paralisados e herméticos encontrem entusiasmo e aplauso para o lamentável Salão de Belas Artes, que ora melancolicamente expõe um punhado de quadros, desertos de inspiração e de arte.

Que a tapeçaria moderna consiga redimi-los do erro e da cegueira, com a harmonia de suas côres e a mensagem de beleza que delas se desprende.

(Demóstenes Madureira de Pinho — "Diário Carioca", 17-10-952).

CURSOS DE PINTURA

E MODELAGEM

É o seguinte o horário dos diversos cursos de pintura e modelagem do Museu:

Pintura

Professor Ivan Serpa:

Terça-feira — 18,00 às 20,00
Quinta-feira — 18,00 às 20,00
Sexta-feira — 18,00 às 20,00 (aula teórica, dada no Museu para os alunos de todas as classes)

Sábados — 14,00 às 16,00 (para crianças, filhas dos sócios; 16,00 às 18,00.

Professor Milton Goldring:

Terça-feira — 15,00 às 17,00

Modelagem

Professora Margaret Spence:

Terça-feira — 15,00 às 17,00
Quinta-feira — 15,00 às 17,00

Os alunos da professora Margaret Spence estão recebendo aulas de escultura em pedra sabão procedente da Bahia.

As aulas dos diversos cursos do Museu estão sendo realizadas no Edifício do IPASE, por especial gentileza do seu Presidente, enquanto o Museu não tem a sua sede própria.

CARTÕES DE NATAL

Encontram-se à venda, no Salão de Exposições do Museu, diversos Cartões de Natal, pintados pelos artistas Milton Dacosta, Maria Leontina, Margaret Spence, Ivan Serpa, Yllen Kerr, Abraham Palatnik e Darel.

Os cartões são todos originais, estando assinados pelos respectivos artistas.

LIVROS SÔBRE ARTE

O Museu acaba de receber os seguintes livros sôbre Arte:

American 1942 (18 artists from 9 States) por Dorothy Miller; Arts of the South Seas por R. Clinton, P. S. Winger e René d'Harnoncourt; Ben Shahn de J. T. Soby; Bonnard por John Rewald; Braque de Henry R. Hope; XX Century Italian Art por Alfred Barr e J. T. Soby; Chagall por J. J. Sweeney; Lucas Cranach por Christian Zervos; Contemporary Painters por James Thrall Soby; Charles Demuth de A. C. Ritchie; Fantastic Art and Dada Surrealism por George Huguet; Florine Stettheimer de Henri McBride; Gabo e Pevsner por Ruth Olson e Abraham Chanin; Henry Moore por J. J. Sweeney; The Photographies of Henri Cartier-Bresson, L. Kirstern e B. Newhall; Henri Rousseau de D. C. Rich; Indian Art of the United States por F. H. Douglas e R. d'Harnoncourt; Paul Klee por Barr, Feininger e Sweeney; Paul Klee (Paintings, Drawings and prints); The Prints of Paul Klee por J. T. Soby; Oscar Kokoschka (com cartas do artista); Fernand Leger (Oeuvres de 1905 a 1952) por Christian Zervos; Marcel Breuer, Architect and Designer, por Peter Blake; Mies van der Rohe por Philip C. Johnson; Joan Miro por João Cabral de

Mello, d' "Os Cadernos de Cultura"; Modern Drawings por Wheeler e Rewald; Modern Painters and Sculptors as illustrators por Monroe Wheeler; Mondrian por J. J. Sweeney; Painting and Sculpture Acquisitions (July 1, 1949 to July 1, 1950); Carnet de Dessins de Picasso (reproduits au format de l'Original); Dessins de Picasso por Christian Zervos; Pablo Picasso au Musée d'Antibes; Picasso (Fifty years of his art) por Alfred Barr; Pintura Brasileira — I, Publicação do I.B.E.C.C.; Roteiro de Arte por Santa Rosa d' "Os Cadernos de Cultura"; Rouault's Paintings & Prints por J. T. Soby; Salvador Dali de J. T. Soby; Soutine de Monroe Wheeler; Stuart Davis de J. J. Sweeney; Modern Sculpture — Teaching Portofolios 1; The History of Photography (from 1839 to the present day); The History of Impressionism por John Rewald; Edward Weston de Nancy Newhall; The Sculpture of Nadelman por Lincoln Kirstern; As artes plásticas no Brasil, sob a orientação de Rodrigo Mello Franco de Andrade; e Bahia em 15 estampas, de Noêmia.

Êstes livros poderão ser encontrados no Salão de Exposição, tendo os sócios do Museu o direito a um desconto de 15% sôbre o preço marcado.

"PINTURA BRASILEIRA"

O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, (IBECC), (Comissão Nacional da Unesco) acaba de publicar o primeiro volume de uma série de reproduções da obra dos pintores brasileiros.

A presente série inclui trabalhos de um pintor anônimo do século XVIII, Antônio José Miz, Vitor Meireles, Almeida Junior, Elyseu Visconti e Cândido Portinari.

As publicações seguintes serão organizadas obedecendo ao mesmo critério, isto é, com reproduções de obras de artistas representativos dos diferentes períodos da pintura em nosso país.

"Pintura Brasileira" encontra-se à venda no Salão de Exposições do Museu, gozando os sócios de um desconto de 15%.

"BAHIA EM 15 ESTAMPAS"

Em luxuosa edição da "Viau S. R. L." de Buenos Aires, encontra-se à venda, no Museu, o livro "Bahia em quinze estampas", da artista Noêmia.

O prefácio é de autoria de Murilo Mendes que, após tecer considerações sôbre a força e a grandesa da Bahia, conclue: "Não sei se Noêmia viu assim a Bahia; cada visão é pessoal. Entretanto, as notas que deixo aqui vieram-me ao espírito quando examinei o caderno de desenhos em que Noêmia condensou sua experiência da capital baiana. A mim, que acompanho sua carreira desde o início, êles me pareceram reveladores de uma ampliação do registro da artista, um marco importante no seu caminho".

"AS ARTES PLÁSTICAS NO BRASIL"

As Companhias do Grupo Sul América programaram o lançamento de obra da mais alta importância para a nossa cultura sobre "Artes plásticas no Brasil".

O trabalho em questão, que obedece à direção geral de Rodrigo M.F. de Andrade, foi dividido em três grandes volumes, que incluirão estudos de nossas maiores autoridades no assunto. O primeiro volume da importantíssima obra que acaba de aparecer em primorosa edição de cerca de trezentas páginas, em papel couchê e apresentando numerosas gravuras a cores e em preto e branco, inclui os seguintes capítulos: "Nota Preliminar", de Rodrigo M. F. de Andrade; "Arqueologia", de Frederico Barata; "Arte Indígena", de Gastão Cruls; "Artes Populares", de Cecília Meireles; "Antecedentes portugueses e exóticos", de Reinaldo dos Santos; "Mobiliário", de J. Wash Rodrigues; "Ourivesaria", de José Gisella Valladares; e "Louça e Porcelana", de Francisco Marques dos Santos. O segundo volume será dedicado à arquitetura e escultura, e, o terceiro, à pintura. Estes dois volumes apresentarão estudos dos mais destacados críticos de arte brasileiros, entre os quais Santa Rosa, Flávio de Aquino, Mario Barata, etc.

As três edições deste livro se encontram no Salão de Exposição do Museu.

EXPOSIÇÃO CÍCERO DIAS, EM S. PAULO

Inaugurou-se, no dia 10 de outubro, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, a exposição de pintura abstrata de Cicero Dias, artista brasileiro que reaparece após quatro anos de afastamento em Paris.

Essa mostra será a próxima Exposição do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

EXPOSIÇÃO DE DESENHOS DE LEONARDO DA VINCI

A UNESCO, por intermédio do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, e com a cooperação do Departamento de Difusão Cultural da Prefeitura, inaugurou, no dia 15 de outubro, no Assírio, uma Exposição de Desenhos (reproduções) de Leonardo da Vinci, em comemoração aos cinco séculos do nascimento do genial artista.

Estiveram presentes diversas autoridades, críticos de arte, mundo intelectual e artístico, tendo o sr. Paulo Carneiro pronunciado algumas palavras sobre a importância e a oportunidade daquela mostra.

MURAI DE PORTINARI NO EDIFÍCIO DA ONU

O Departamento de Imprensa da ONU distribuiu o seguinte comunicado:

"O Brasil oferecerá os murais do vestibulo da Assembléia Geral das Nações Unidas. Segundo declarações feitas no dia 2 de outubro de 1952, pelo secretário-geral Trygve Lie, a ONU aceitou o oferecimento do governo brasileiro de fornecer dois grandes murais para o vestibulo dos delegados do edificio da Assembléia Geral.

Os murais oferecidos pelo governo brasileiro serão executados pelo artista brasileiro Cândido Portinari, e cobrirão as paredes do vestibulo, com uma superficie de 34 x 45 pés. Os projetos serão submetidos oportunamente à aprovação da Comissão de Técnicos em Arte, da ONU".

Segue-se um esboço biográfico do artista patricio, em que são destacadas suas atividades artisticas, honrarias recebidas, títulos e principais obras. E acrescenta o comunicado:

"No discurso inaugural da VII Assembléia Geral, o secretário geral, sr. Trygve Lie se referiu à expressiva contribuição do Brasil e a Portinari como "o grande muralista brasileiro".

DIRETORIA

PRESIDENTE: Raymundo Ottoni de Castro Maya
VICE-PRESIDENTE: Francisco Clementino de San Tiago Dantas
DIRETOR EXECUTIVO: Niomar Moniz Sodré
DIRETOR EXECUTIVO ADJUNTO: Carmen Portinho
DIRETOR TESOUREIRO: Carlos Amélio de Figueiredo
DIRETOR SECRETARIO: Carlos Flexa Ribeiro
CONSERVADOR: Maria Barreto

CONSELHO DELIBERATIVO

Aguinaldo Boulitreau Fragoso	Jorge Maia
Aloysio de Paula	Juscelino Kubitchek de Oliveira
Aloysio de Salles	Lauro Salazar Regueira
Antonio Moniz Vianna	Leonídio Ribeiro
Assis Chateaubriand	Lúcio Costa
Augusto Frederico Schmidt	Maria Barreto
Beata Vettori	Maria Martins
Carlos Flexa Ribeiro	Maurício Nabuco
Carmen Portinho	Niomar Moniz Sodré
Cypriano Amoroso Costa	Paulo Bittencourt
F. C. de San Tiago Dantas	Paulo Carneiro
Francisco Matarazzo Sobrinho	Raymundo Ottoni de Castro Maya
Gustavo Capanema	Roberto Marinho
João Carlos Vital	Rodrigo Mello Franco de Andrade
João Guimarães Rosa	Vinicius de Moraes
João Soares Sampaio	Walther Moreira Salles
Jorge Leão Ludolf	

Este Boletim, mensal e gratuito, distribuído entre os sócios, visa conservar e expandir indefinidamente o calor e a vibração dos primeiros meses. Num contato direto, na intimidade — sem literatura nem rodeios — plásticamente, por assim dizer, o Boletim dirá o que se faz hoje, o que se planeja para amanhã... E pouco a pouco irá desvendando as ambições do Museu, que são grandes, e os seus sonhos, que talvez um dia venham a ser uma realidade. Realidade segura, através da fé e da confiança dos sócios. Impossível sem ela.

Idéias e sugestões serão recebidas com atenção e reconhecimento, assim como crítica e censura. Para uma empresa como a do Museu de Arte Moderna, há um só inimigo mortal: a Indiferença.

LOUVOR DO LEGISLATIVO AO MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO

Discurso do Deputado Jorge Lacerda —

O Deputado Jorge Lacerda pronunciou, no dia 9 de outubro, na Câmara dos Deputados, o seguinte discurso:

“Sr. Presidente, a Câmara dos Deputados vem acompanhando com vivo interesse as atividades do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que, no movimento artístico do país, está desempenhando assinalado papel. Tem essa entidade proporcionado ao povo um contacto permanente com as criações mais expressivas dos valores nacionais e estrangeiros. Ninguém ignora a significação de que atualmente se revestem museus dessa natureza, que não se confinam apenas nas funções de mero arquivo de obras de arte, mas atuam como instrumentos dinâmicos e eficientes de educação ativa do público.

Mais de 40.000 pessoas já tiveram oportunidade de visitar esse Museu, ora instalado, provisoriamente, na rua da Imprensa.

Sr. Presidente, num ambiente impregnado de utilitarismo, como o dos nossos tempos, em que falecem, não raro, os mais generosos impulsos em favor dos problemas, tão desamparados, da inteligência criadora, não podemos deixar de erguer a voz, para aplaudir os que se dispuseram, com verdadeiro idealismo, a criar e manter essa importante instituição. Dentre os nomes que constituem a garantia da permanência e continuidade desse órgão, é de justiça assinalar o da Sra. Niomar Moniz Sodrê, que tem sabido, com sua sensibilidade e entusiasmo, congregar esforços em tôrno dessa iniciativa cultural. E não é demais que a Câmara dos Deputados, que tem deveres fundamentais, irrecusáveis, com as questões da inteligência e da cultura, leve o seu apoio e estímulo a esse empreendimento, através de contribuição que o consolide e amplie, a exemplo do que foi feito, muito justamente, com o Museu de Arte de São Paulo. Nos próximos dias, proponho-me a concretizar esse pensamento em projeto de lei, que espero mereça a solidariedade dos nobres pares.

As atividades do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, além das exposições, desdobram-se em múltiplos setores, como cursos de desenho, pintura, modelagem e escultura etc.; conferências, debates e publicações. Quanto às exposições, têm elas alcançado efetivo êxito. Nos poucos meses de sua atividade, já realizou quatro grandes mostras: a dos quadros premiados na I Bienal de São Paulo, ao lado de trabalhos nacionais e estrangeiros que constituem o rico patrimônio do Museu; a de artistas brasileiros; a de Goya e a Gravura Espanhola dos séculos XIX e XX, que tão profundo interesse suscitou; e a última, há pouco encerrada, de arquitetura Brasileira Con-

temporânea, que obteve a mais ampla repercussão. Inaugura-se hoje, aliás, a quinta exposição, de Tapeçarias Modernas Francesas que por certo constituirá mais um autêntico sucesso.

Cabem aqui duas palavras sobre a Exposição de Arquitetura, que se prolongou até domingo último, dia 5. Constituiu essa mostra um admirável levantamento das últimas realizações, sem dúvida notáveis, dos nossos arquitetos. Devo salientar que o Brasil, na opinião, aliás, de autorizados críticos internacionais está ocupando uma posição de relêvo no movimento de renovação da arquitetura dos nossos dias. Revistas de alta projeção na Europa e nos Estados Unidos têm-lhe dado especial destaque. Ainda agora a conhecida publicação especializada, que se edita na França, “L’Architecture d’Aujourd’hui”, uma das mais importantes do gênero na Europa, acaba de dedicar todo o seu número de setembro exclusivamente à arquitetura brasileira. Honra sobretudo o Brasil esse insuspeito depoimento de órgão de tão elevada categoria, sobre o espírito criador e a capacidade técnica dos nossos arquitetos.

Devo fazer uma referência à prestigiosa cooperação que ofereceram àquela revista o Sr. Ministro João Neves da Fontoura, o nosso embaixador Ouro Preto, e o Instituto dos Arquitetos do Brasil, através de seu Presidente, Milton Roberto. Salientemos, ainda, a valiosa colaboração dada, para esse fim, pelo Secretário da Embaixada do Brasil na França, Sr. Roberto Assunção, cujo interesse pelos assuntos culturais já é de nós outros sobejamente conhecido, desde suas atividades aqui no Itamarati.

Sr. Presidente, feito esse registro, quero valer-me da oportunidade para ressaltar aos Srs. Deputados a necessidade inadiável de nos solidarizarmos mais intimamente com movimentos dessa natureza, levando-lhes o nosso apoio. Acentua-se a responsabilidade de nossa atitude. Em face dos altos deveres que nos incumbem, em relação aos problemas do espírito, não podemos silenciar sobre as legítimas reivindicações dos artistas plásticos do país. Já que não os temos aqui presentes entre nós, impõe-se-nos traduzir-lhes as inquietações e os anseios, de modo a não se favorecer o divórcio da ação política com a da inteligência. Os nossos compromissos com a nação não se insulam apenas nos aspectos eventuais de seus interesses imediatos. Transcendem, é natural, dessa órbita limitada, pois que se fundem com as finalidades superiores da cultura. As nações sobrevivem na história, não pelos seus efêmeros empreendimentos materiais, mas, sobretudo, pela marca inapagável que sua cultura deixa na face do tempo”.